

IMPLICAÇÕES ENTRE ESPAÇOS URBANOS E DESEJO HOMOERÓTICO REPRESENTADOS NA CONTÍSTICA BRASILEIRA

Carlos Eduardo Albuquerque Fernandes
(PPGLI-UEPB)

Resumo: O presente artigo descreve e investiga as representações de desejo homoerótico que se realizam em espaços urbanos em contos do século XX. O corpus é composto por narrativas cuja temática central é a relação homoerótica, priorizando-se as obras, “O Menino do Gouveia” (1914), de Capadócio Maluco, “Dia dos Namorados” (1976), de Rubem Fonseca, e “Nem mesmo um anjo é entrevistado no terror” (1980), de Samuel Rawet. A discussão se centra no desenvolvimento urbano do Brasil e a emergência de abordagens do desejo homoerótico pela literatura, a partir do início do século XX, são obsessivas as imagens de sexo entre personagens desses contos, os encontros eróticos e o pano de fundo dessas cenas são espaços públicos e urbanos do Rio de Janeiro, o que nos leva a perceber que há relações muito próximas entre o real e o textual na medida em que confrontamos dados históricos e a perspectiva literária que problematiza essas questões e lança novos olhares para essa relação tão estigmatizada. Baseia-se em uma perspectiva histórica, a partir de Green (2000), Trevisan (2004) e crítica tendo por base os estudos literários na denominação de espaço ficcional, a partir de Santos e Oliveira (2001) e Dimas (1997), além de estudos específicos sobre as configurações homoeróticas pela literatura, a partir de Silva (2009) e Barcellos (2006). Busca-se, através dessa discussão, perceber os motivos literários recorrentes nesses contos que abordam a relação homoafetiva e a capacidade desses textos problematizarem questões sociais em pauta para cada contexto.

Palavras-chave: desejo homoerótico; cidade; contos brasileiros; representação.

Introdução

As relações afetivas e/ou sexuais entre pessoas do mesmo sexo sempre existiram em terras brasileiras. O antropólogo Luiz Mott (1987) afirma que entre os indígenas era corrente a prática da “sodomia” e que em algumas tribos os papéis de gênero eram bastante flexíveis, havendo índias que possuíam esposas e atuavam na organização da tribo, executando atividades que, em sua maioria, eram designadas aos homens, bem como também era comum encontrar índios que eram tidos por companheiros de outros e executavam ou não atividades designadas para as mulheres, fatos que, segundo as fontes de Mott (1987), assustaram os jesuítas, tão normal que era aos povos brasileiros a prática homoerótica.

Trevisan (2000) também apresenta fontes históricas dessa natureza e argumenta que a chegada dos portugueses e a consequente exploração da mão-de-obra indígena, das terras brasileiras, a imposição do cristianismo sobre os nativos acrescentou outra maneira das

relações sexuais entre iguais serem executadas, haja vista que apesar do (falso) moralismo e da repressão, o processo colonizador também incidiu sobre os corpos, seveciando sexualmente “hetero e homossexualmente” os indígenas, como também aconteceu posteriormente durante o período da escravidão negra. Não queremos nos debruçar sobre esses dados, apenas, ressaltar a ideia que Naphy (2006) defende, ao historiar a “homossexualidade” em diferentes culturas, de que a prática homoerótica sempre existira entre a humanidade.

No início do século XX, no Brasil, a urbanização e a industrialização são os processos que caracterizam a modernização e é nesse cenário que as relações homoeróticas ganham uma proporção maior. Ao longo da história, essas relações assumiram diferentes definições: pecado, imoralidade, crime e, no século XIX, doença. Foi nesse período que se engendrou o termo *homossexual* como caracterizador dos sujeitos doentes e perturbados mentalmente, momento em que, para Foucault (1988), o sujeito que pratica relação sexual com outro de mesmo sexo passou a constituir ou fazer parte de uma espécie.

Dessa forma, foi a partir do século XIX que o homoerotismo passou a receber mais atenção do ponto de vista social, não para ser aceito ou compreendido, mas controlado, e extinto do comportamento da população. Concomitante com essa ascensão, também devemos lembrar que no século XIX ocorreram, na Europa, duas revoluções (Francesa e Industrial – Inglaterra) cujo impacto abalou as formas de produção, a economia e os modos de vida dos indivíduos. Lentamente, as cidades se desenvolveram, o êxodo rural foi se acentuando e a população passou a estar mais concentrada no ambiente urbano, sendo, conseqüentemente, mais vigiadas pelas instâncias que promovem o controle social, como a polícia, as clínicas, as igrejas.

O Brasil, pouco desenvolvido industrialmente no século XIX, adiou o desenvolvimento de grandes centros urbanos para o século XX. Devemos recordar que o processo de urbanização e industrialização brasileira acelerou o êxodo rural e, após a Primeira Guerra Mundial, principalmente nas regiões sul e sudeste, foi um dos principais destinos de imigrantes europeus, sem contar com as migrações do Nordeste para os estados de São Paulo e Rio de Janeiro do final dos anos 1950 e décadas posteriores.

Se somarmos esses fatores, podemos imaginar o considerável aumento populacional dessas regiões e os impactos nos modos de vida de uma maneira geral. Green (2000) apresenta uma estatística que registra um aumento de mais 157% da população no Rio de

Janeiro entre 1900 e 1940, enquanto nesse mesmo período em São Paulo o crescimento foi de aproximadamente 272%, em número de pessoas, pelo que foi documentado na época, os dois municípios tiveram ao todo 2.159.017 moradores a mais em quarenta anos. (Cf. GREEN, 2000, p. 125).

É curioso observar que junto ao desenvolvimento das cidades e à crescente concentração populacional, as relações homoeróticas passaram a figurar mais à vista da sociedade. Porém, mais curioso ainda é perceber que os sujeitos homoeróticos marcaram, ao longo da história, espaços públicos para encontros românticos, flertes e, talvez, principalmente, relações sexuais. Usamos o termo “curioso”, porque se pensarmos na repressão que sofriam (e sofrem) as pessoas que desejaram ter, tentaram ter ou mantiveram relações afetivo-sexuais com outras de mesmo sexo, impressiona o fato de essas pessoas terem se agrupado em locais públicos para realizar seus desejos homoeróticos.

Os textos literários cujo tema central é a vivência homoerótica possuem a característica de abordar as experiências de sujeitos homoeróticos de maneira bastante perspicaz e verossimilhante; neles, podemos ler os medos e fraquezas desses sujeitos, podemos ler a dor sofrida pela opressão, podemos ler imagens de desejo configuradas, imagens de corpos nus, de prazeres experimentados. Não obstante, muitos textos literários de temática homoerótica, publicados ao longo do século XX, também representaram as imagens de desejo homoerótico em espaços públicos de grandes centros urbanos.

Podemos esclarecer que o objetivo principal aqui é analisar e investigar as configurações das imagens de desejo homoerótico ambientadas em locais públicos representados em contos brasileiros publicados durante o século XX, a saber, “O menino do Gouveia” (1914), de Capadócio Maluco; “Nem mesmo um anjo é entrevistado no terror” (2007), de Samuel Rawet; “Dia dos namorados” (2007), de Rubem Fonseca.

Cabe aqui delimitarmos também que essas imagens de desejo as quais vamos nos debruçar são todas ambientadas em locais da cidade do Rio de Janeiro, os textos fazem referência a esses espaços que historicamente foram *rendez vous* para encontros sexuais entre pessoas do mesmo sexo. Devemos também especificar que estamos empregando a expressão desejo homoerótico, tendo por noção de desejo a pulsão sexual e erótica que impele os corpos a se unirem, a se aproximarem, a interagirem afetivo-sexualmente de diferentes formas.

O foco de observação nas narrativas literárias, para este trabalho, será o espaço ficcional e nos embasamos na teoria literária para defini-lo. *Espaço* (físico, social, psicológico), *ambiente e ambientação*, são termos utilizados pelos estudos literários para referir-se aos locais ficcionais, sobretudo nas narrativas literárias.

Antonio Dimas (1987), em obra que trata especificamente dessa temática no romance, faz referência ao espaço e à ambientação distintamente. O autor, ao discutir esse elemento a partir de estudo de Lins (1976 citado por Dimas, 1987), afirma que o *espaço* é descrito como fazendo referência a dados da realidade; já *ambientação/ambiente* faz menção aos significados simbólicos que podem ser estabelecidos a partir dos filtros de cada texto. Ainda divide *ambientação* em *franca, reflexa e dissimulada*, categorias sobre as quais não nos deteremos. Concordando com Dimas (1987), Gancho (2006, p. 27) afirma que “O termo *espaço*, de um modo geral, só dá conta do lugar físico onde ocorrem os fatos da história; para designar um ‘lugar’ psicológico, social, econômico etc., empregamos o termo *ambiente*”.

Os demais autores não fazem distinção entre espaço e ambiente, tomando-os como sinônimos. Santos & Oliveira (2001) abordam o conceito de espaço a partir da perspectiva determinista – que concebe apenas os componentes físicos e psicológico-social – na qual os espaços são referentes aos lugares sociais representados e/ou à configuração de cenários íntimos das mentes das personagens, embora aconselhem não reduzir o espaço a essas duas perspectivas (uma, determinista; a outra, psicológica e social) que, por vezes, funcionam como camisas-de-força, inflexibilizando, portanto, um maior aproveitamento do termo, uma vez que ambas as perspectivas podem estar imbricadas ou até mesmo configurar como inseparáveis. (SANTOS & OLIVEIRA, 2001, p. 81).

Assim, semelhante à de Soares (1993), adotamos como definição de espaço ficcional o conjunto de elementos paisagísticos em um texto literário, quer se apresente exterior e físico ou interior e psicológico, onde são situadas as ações das personagens. Aqui, o conceito de espaço é entendido de maneira generalizada e, partindo de uma percepção do espaço físico mediada por valores, projetamos significados por meio de impressões culturais no intuito de, assim, tentar inferir em que medidas os cenários guardam nuances na construção das obras de temática homoerótica, estudadas neste ensaio. Evidentemente partimos de uma identificação do espaço físico para nos debruçarmos sobre significações culturais do ambiente

relacionadas à relação homoerótica ali configurada, apostando numa associação produtiva entre espaço, homoerotismo e literatura.

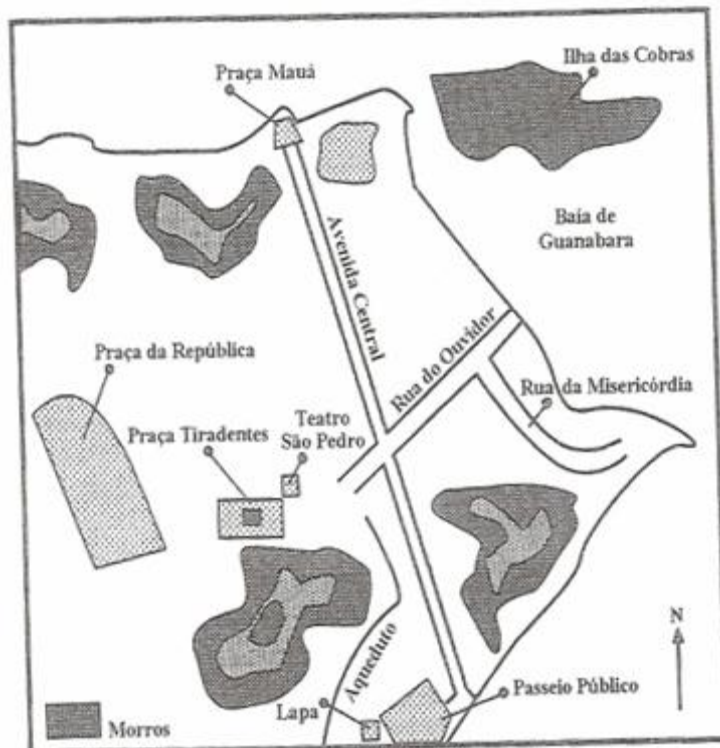
Um passeio pelo Rio de Janeiro do século XX, através das narrativas de temática homoerótica

Como mencionamos na parte introdutória, as narrativas que nos propomos discutir configuram espaços ficcionais referentes a espaços físicos do Rio de Janeiro do século XX. Podemos dizer que “a cidade maravilhosa” foi um dos centros urbanos mais desenvolvidos do país, além de ter sido capital federal de 1763 a 1960 e, por isso, figurou entre os locais mais influentes da cultura e da economia nacional. Não obstante, foi o berço da produção literária da burguesia brasileira, sede da Academia Brasileira de Letras, cidade de escritores e, conseqüentemente, cenário de muitas obras literárias.

Green (2000) afirma que nas primeiras décadas do século XX, muitos espaços públicos do Rio de Janeiro já eram frequentados, de forma bastante consolidada, por indivíduos à procura de encontros afetivo-sexuais com iguais: “os homens que apreciavam relações sexuais com outro homens apegaram-se, obstinadamente, aos vários pontos do centro da cidade dos quais se haviam apropriado como lugares públicos para encontrar parceiros sexuais e socializar-se com os amigos” (GREEN, 2000, p. 53).

O lugar mais frequentado com essas intenções, segundo Green (2000), desde o fim do século XIX, foi a Praça Tiradentes ou Largo do Rossio (como era mais conhecida). Apesar de o governo carioca promover muitas transformações para urbanizá-la e controlar os encontros

deixaram



homoeróticos, estes não de acontecer.

Figura: Mapa do Rio de Janeiro em 1906. (Cf. GREEN, 2000, p. 54).

A partir do mapa apresentado por Green (2000), podemos observar que a região do Largo do Rossio era (e ainda é) uma área nobre e central da cidade, lá está localizada a estátua de Dom Pedro I, símbolo do marco da independência do Brasil. No mapa também podemos identificar outros espaços públicos em que se concentraram encontros homoeróticos, como a Lapa, a Cinelândia e também a Rua da Misericórdia, mencionada no romance *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha, onde Amaro e Aleixo alugaram um quartinho para dar vazão ao desejo homoerótico. João Rio, na obra de crônicas *A alma encantadora das ruas* (1997), afirma que a referida via, foi a primeira rua da antiga capital federal, além disso, tornou-se um ambiente marginalizado, de prostituição, e de miséria, não por acaso sua configuração em um romance que procurou apresentar o desejo homoerótico como uma doença, como uma anormalidade.

Dos contos em questão, o mais antigo em que lemos uma referência espacial ao Rio de Janeiro é “O Menino do Gouveia” (1914), assinado pelo pseudônimo Capadócio Maluco. Esta obra teve publicação única em 1914 na revista *Rio Nu*, periódico de teor pornográfico que circulava pela sociedade carioca durante o período. Essa revista, conforme Del Priore (2011), foi a publicação erótica mais ousada e criativa, nesse ramo de edições, da imprensa brasileira na primeira metade do século XX. O sucesso das edições não se dava apenas pelo seu conteúdo, mas pelo baixo custo de seus volumes, permitindo um grande alcance do público-leitor, isto é, da classe abastada às camadas populares. A historiadora documenta que, apesar de melhorar a cada edição na qualidade da impressão e do papel utilizado, o preço não era alterado, atraindo ainda mais a clientela. Esses dados nos fazem refletir sobre o alcance de

leitores que teve “O Menino do Gouveia”, em 1914, divulgando a estória de um personagem homoerótico e uma imagem¹ de sexo entre homens. A revista circulou pela sociedade brasileira de 1900 até 1916, ano em que, por forças morais e religiosas, teve sua circulação vetada (DEL PRIORE, 2011, p. 133).

O título já demonstra o teor homoerótico do conto, uma vez que “Gouveia”, segundo Green & Polito (2006, p. 37), era uma gíria que nomeava o homem mais velho que desejava homens jovens, bem como, outra gíria da época, “Bembem” (apelido pelo qual atende o “menino do gouveia”, protagonista do conto), que designava jovens que se interessavam sexualmente por outros homens. A narrativa expõe, de forma bem humorada, a estória de vida de Bembem, um jovem que se descobre homoerótico na adolescência e conta como desde sempre percebeu a existência do desejo homoerótico.

Ao narrar a sua primeira aventura sexual, o narrador-personagem após ser expulso de casa por tentar assediar sexualmente o tio com quem morava, decidiu obstinadamente encontrar um amante para saciar-lhe os desejos eróticos, então sai pelas ruas da cidade no intuito de alcançar esse objetivo.

Os espaços por onde o personagem passa revelam um pouco dos hábitos e locais de encontro dos sujeitos homoeróticos no Rio de Janeiro do início do século XX, a saber, praças, parques e banheiros públicos eram lugares frequentados por eles a procura de encontros sexuais: mictórios e praças públicas. Porém, Bembem parecia estar com pouca sorte:

Foi, porém, trabalho perdido: por mais que eu andasse pelos mictórios a espiar picas e fizesse mil gestos reveladores das minhas qualidades e encantos enrabativos, parece que naquele dia os amadores de cús tinham desaparecido. Às seis horas da tarde sentei-me, levado dos diabos, num dos bancos do Rocío, pensando na falta de enrabadores que há nesta cidade. (MALUCO, 1914, p. 9).

Observe pelo fragmento que o Bembem, após muita procura, senta justamente em um banco do Largo do Rossio, o mais famoso *rendez vouz* homoerótico na época, onde, quase imediatamente, achega-se ao seu lado um homem mais velho que lhe dá atenção, seu nome é Gouveia, sobre cujo sentido nos debruçamos anteriormente.

Logo, o encontro entre o Gouveia e o jovem toma direções sexuais, os dois começam a apalpar o pênis um do outro, até que o senhor pergunta:

¹ Essa imagem a que nos referimos diz respeito não só a da relação sexual construída narrativamente, mas a um desenho dos personagens praticando o intercurso anal que faz parte da publicação; a ilustração retrata a cena narrada na última parte do conto em que Bembem é penetrado pelo Gouveia.

- Você gosta? Perguntou-me.
 - Creio que sim; nunca experimentei.
 - Como, meu bem? Você ainda é virgem, ainda tem as preguinhas todas?!
 - Tenho, sim.
- O meu novo camarada pareceu ficar mais moço, convidou-me para ir ao cinema, onde assisti a uma sessão inteira segurando-lhe a pica. (MALUCO, 1914, p. 7-8).

Observe que a libido do homem mais velho aumenta ao saber da virgindade do moço; o toque erótico é exercido com liberdade e intimidade em espaços públicos: Rossio e cinema. As salas de cinemas parecem também ter sido espaços de realização de desejos homoeróticos. Após o cinema, se deslocam para o quarto onde o senhor morava, cuja localização, “ali pelas bandas dos Arcos” (p.10), também é referencial da cartografia dos espaços de realização do desejo homoerótico no Rio de Janeiro do início do século XX. Green (2000) afirma que o bairro da Lapa, que é mencionado no conto através do monumento que é cartão postal da cidade, os Arcos da Lapa², foi um dos locais de maior concentração para encontros sexuais, o historiador relata que havia à disposição quartos para realização de desejos, onde prostitutas e “pederastas” podiam trabalhar e se divertir; lá, o jovem sacia seus desejos eróticos.

É justamente nesse quarto situado “pelas bandas dos Arcos” que o protagonista tem sua primeira experiência sexual com outro homem. Observe que a geografia da cidade maravilhosa marca o trajeto dos personagens: o flerte nos espaços públicos, os mictórios, becos, a Praça Tiradentes (Largo do Rossio) como um local de congregação de sujeitos homoeróticos favorece o encontro do Bembem com um possível parceiro sexual; a conquista de maior intimidade no cinema até a consumação sexual na residência do homem mais velho.

Outro conto cujo protagonista passeia pelas ruas do Rio de Janeiro à procura de encontros sexuais com outros homens é “Nem mesmo um anjo é entrevistado no terror” (2007), publicado em 1981, de Samuel Rawet vemos um personagem que procura companhia à noite nas ruas do Rio de Janeiro. A linguagem do conto é confusa, todo o texto é construído através de frases de sintaxe invertida e sem subordinação entre elas. Ao final, vemos que essa maneira de estruturar a linguagem é um recurso que reflete na voz do narrador heterodiegético o estado inquieto e infeliz do personagem. Vejamos um trecho em que se pode observar essa discussão:

² Obra arquitetada no período colonial como aqueduto, no século XIX foi acrescido da função de viaduto para bondes de ferro que eram o principal meio de acesso do centro aos altos morros do bairro de Santa Teresa.

Uma e dez no relógio da Mesbla. Não havia névoa, mas o mormaço da madrugada punha nos olhos, sobre o cansaço, um esfumado de percepções. Rodeou uma vez mais o *Passeio Público*. [...] *Segue em direção à Lapa*. [...] Desloca-se para o meio-fio. Mas o carro estaciona além, junto a um negro magro e alheado. Hesita. Coça a braguilha e uma cabeça se aproxima do vidro baixado. O negro se curva, cumprimenta com a mão displicente, responde vago às perguntas, aceita um cigarro. [...] O negro sorri. [...] O carro se afasta. [...] *Mas faltava o mictório*. Amônia e desinfetantes sufocando, às vezes, arrancando lágrimas, de *corpos mais ou menos imóveis, acariciando membros, em contemplação e masturbação*. Por ali terminava suas noites, antigamente, na expectativa de uma sucessão de acasos que lhe permitisse enfim uma presença a dois em que toda a fome afetiva se realizasse num contato sôfrego de dedos ou lábios, no intervalo de uma presença e outra presença (RAWET, 2007, p. 148, itálicos nossos).

Tentamos ver no intervalo entre as frases, as imagens que são construídas na madrugada da esfera diegética, imagens essas que se referem aos espaços de realização de muitas relações sexuais entre sujeitos do mesmo sexo no século XX e até a atualidade: a primeira imagem é a das ruas e da prostituição, o bairro da Lapa onde, no Rio, como jpa mencionamos era comum encontrar sexo por dinheiro para os mais variados apetites sexuais; a segunda é a dos banheiros de bares, cinemas ou públicos onde o sexo casual era praticado, saciando – como diz o narrador – “toda a fome afetiva” dos sujeitos homoeróticos. É curioso notar que esses espaços sempre estão associados à sujeira, ao esconderijo, ao escuro, longe dos olhares condenatórios da moralidade, à madrugada quando todos dormem é o horário propício à realização do “amor maldito” como se chamava à época. Veja que apesar de publicado 67 anos após “O Menino do Gouveia”, as referências aos espaços públicos se repetem: mictórios, a Lapa, o Passeio Público, local próximo à Praça Tiradente como se pode observar pelo mapa exposto anteriormente.

No romance *Lábios que beijei*, de Aguinaldo Silva, publicado na década de 1990, por exemplo, narra o momento em que o personagem principal cujo nome não é apresentado, visita o banheiro do cinema de Íris que era num *Rendez Vouz* homoerótico do Rio de Janeiro no século XX:

Os três mictórios eram usados eram usados ao mesmo tempo por seis, oito, dez delas [as bichas], que se manipulavam frias, que se olhavam e se apalpavam [...] Dos três reservados, dois estavam com as portas fechadas e deles vinham lamentos, cantigas de ninar, roncos, uivos, gritos,

imprecações. O terceiro, aberto, mas também ocupado, era palco de uma cena que atraía vários curiosos[...] (SILVA, 1990, p. 31).

A experiência sexual entre sujeitos homoeróticos era, dessa forma, realizada através de formas que refletem a reclusão dessa subjetividade e a liquidez dos laços afetivos entre os homoeróticos, como vimos no trecho do conto de Samuel Rawet “no intervalo de uma presença e outra presença”, as relações fugazes e baseadas apenas no encontro e relação sexual, no prazer imediato eram a maneira de viver o desejo dos indivíduos em meados do século XX. Essas práticas pareciam ser a válvula de escape de desejos reprimidos, casamentos não queridos, identidades publicamente negadas que desabrocham nas madrugadas.

O conto de Rawet é curto, mas traz à tona ainda outra faceta do personagem que nos referíamos; outra vez às ruas, o olhar do narrador desnuda cenas da prostituição carioca, dessa vez, o sujeito ficcional fica perturbado com volume nas virilhas de um rapazote mulatinho, no entanto, havia um velho em uma banca de jornais próxima que observava tudo e possivelmente constrangeu a “caçada”³ dele:

O homem indiferente despertou e a cabeça nervosa oscilou entre o velho da banca e o mulatinho. O mulatinho enfiou as mãos nos bolsos, sorriu e se postou quase ao lado do homem. Você está querendo o quê, eu sou um homem casado, tenho mulher, tenho filhos, está pensando o quê. O velho cruzou outra vez a pista, sem deixar de sorrir diante da voz esganiçada e do corpo em desequilíbrio do homem. Conhecia esses tipos. Era casado, tinha mulher, e filhos, tudo isso arrotado com meneios de macheza duvidosa e terror. Quase garagalhou ao ouvir o vozeirão do mulatinho. E alguém lhe perguntou alguma coisa, seu idiota! (RAWET, 2007, p. 150).

O medo de que outrem percebesse seu desejo fez com que o homem o negasse, sendo rude com o jovem que se aproximara com as mesmas intenções, o velho que surge na cena interpreta o fato que, na verdade, não passara de uma atitude hipócrita diante do terror: a esposa, os filhos vinham construir uma falsa identidade que se apresentava ao mundo com o intuito de evitar o constrangimento e a dor da discriminação; diante do medo, o homem preferiu negar os seus ímpetos sexuais, daí a voz esganiçada, isto é, estridente o suficiente para que o velho o ouvisse, no entanto, o corpo lhe denunciava, em desequilíbrio, porque apavorado, comprovando sua “macheza duvidosa”. Após essa cena, o personagem embarca no

³ Segundo Green & Polito (2006) o termo dizia respeito ao flerte entre homossexuais.

primeiro ônibus e o narrador apresenta a nostalgia sentida por ele, uma falta que trazia-lhe sofrimento e dor.

Já o conto “Dia dos namorados” (2007), de Rubem Fonseca narra de maneira inovadora, variando entre a primeira e a terceira pessoa, oscilando entre dois núcleos de conflitos, estórias que se cruzam. Em primeira pessoa, temos o narrador-personagem Mandrakee a relação dele com uma moça loira, ele é uma espécie de detetive; em terceira pessoa, nosso foco de interesse, temos a relação entre os personagens J.J. Santos, um banqueiro, e Viveca, travesti que oferecia serviços sexuais no calçadão de Ipanema.

O narrador apresenta o burguês no período da noite, no caminho de volta do trabalho para casa:

Certamente não queria voltar para casa, assistir velhos filmes dublados na televisão colorida. Pegou seu carro e saiu pela Praia de Ipanema, em direção à Barra da Tijuca. Ele morava apenas há um ano no Rio, achava a cidade fascinante. Uns quinhentos metros adiante, J.J. Santos viu a garota, parada na calçada. Os altos-falantes do seu carro transmitiam música estereofônica e J.J. Santos estava emocionalmente predisposto. Nuca tinha visto garota tão bonita. Teve a impressão de ela olhara para ele [...] (FONSECA, 2007, p. 126).

Diante da bela imagem, o banqueiro negocia um encontro mais íntimo com a “moça”, que chamava-se Viveca e tinha dezesseis anos. Observe, mais uma vez, a referência a espaços físicos do Rio de Janeiro, no caso dessa narrativa, o calçadão da Praia de Ipanema, ponto de prostituição de travestis na narrativa. Porém, apenas no quarto de um hotel, descobre-se que Viveca, na verdade, era um homem:

J.J. Santos tirou a roupa e deitou-se ao lado dela, fazendo-lhe carinhos, olhando-se nos espelhos. Então, a garota virou-se de barriga para cima, um sorriso nos lábios. Não era uma garota. Era um homem, o pênis se refletindo ameaçadoramente rijo, nos inúmeros espelhos. J.J. Santos deu um salto da cama. [...] Se pe-pederasta sem ve-vergonha, disse J.J. Apanhou suas roupas e correu para o banheiro onde se vestiu apressado. (FONSECA, 2007, p. 127).

A reação de J.J. Santos expressa não a surpresa, mas o preconceito por Viveca ser um travesti. A partir desse momento, o conto é incrementado de confusões e chantagens por parte de Viveca que além de roubar o dinheiro do cliente que estava na carteira, exigia o valor do programa que não ocorrera. Não queremos nos debruçar sobre esses aspectos, apenas trazer à

tona mais uma narrativa ficcional cujos espaços físicos correspondem a lugares reais da cidade maravilhosa.

Considerações finais

Conforme pudemos investigar, as narrativas de temática homoerótica exploradas neste artigo exploram a espacialidade do Rio de Janeiro na construção dos ambientes ficcionais por onde circulam os personagens homoeróticos. Não obstante, esses espaços, historicamente, foram identificados como locais de encontros homoeróticos como o cine Íris, a Praça Tiradentes; pontos de prostituição como a Lapa, no conto de Rawet (2007), o calçadão de Ipanema, onde estava Viveca; locais de realização de desejo sexual entre homens.

Cada um desses espaços e as relações que neles ocorrem sugerem nuances interessantes sobre a configuração do homoerotismo na literatura. Os estereótipos mais comuns na sociedade para com sujeitos homoeróticos, segundo Green (2000), eram: a) a crença de que o homem que deseja outro homem deseja ser uma mulher, daí ter o comportamento afeminado; b) a relação sexual entre pessoas de mesmo sexo estava associada à prostituição.

Esses estereótipos foram bastante alimentados no início do século XX, quando a sociedade procurava controlar a “homossexualidade” do ponto de vista médico-científico. Conforme Trevisan (2000), na primeira metade do século XX, os locais onde mais comumente se encontravam indivíduos homoeroticamente inclinados, eram também locais de prostituição. Mas isso não significava que todas as relações homoeróticas se davam através da troca monetária; o fato é que, assim como a prostituição, a homoafetividade fora marginalizada pela sociedade, congregando-se em guetos, em locais distantes do olhar condenatório da moralidade, muito próxima, então, das profissionais do sexo.

Por outro lado, indivíduos oriundos de classes sociais mais baixas cujas práticas sexuais com pessoas do mesmo sexo eram descobertas, eram tão rejeitados socialmente que a prostituição tornava-se consequência das recusas do mercado de trabalho em os aceitar, sendo a atividade de profissional do sexo, muitas vezes, única estratégia de sobrevivência para esses sujeitos.

Ao longo da história, os sujeitos homoeróticos foram identificados não só por suas práticas sexuais, mas também pela topografia dos lugares que ocuparam para vivenciar mais abertamente os próprios desejos. Foram espaços marginalizados, justamente pelo estigma que a sexualidade excêntrica ainda possui e a literatura problematizou essa questão ao longo do tempo na configuração das ações dos personagens aqui discutidos.

De fato, a cidade foi o espaço impulsionador da subcultura gay no Brasil de fins do século XIX e os espaços públicos, os mictórios, os cinemas, os bairros das periferias foram os ambientes onde se desenvolveram as práticas homoeróticas nos contextos mais repressivos da primeira metade do século passado. Dos anos 1990 até então, outros ambientes passaram a ser os locais mais propícios à concentração de sujeitos homoeróticos e que também são problematizadas pela literatura: bares, boates, shoppings, cruzeiros acrescentaram aos modos de vida gay à experiência burguesa de consumo, gerando uma imagem positiva do mercado de consumo para com a “homossexualidade”.

Passear pelos espaços urbanos de realização do desejo homoerótico através da literatura do século XX é também vislumbrar a intimidade, os medos e as vivências dos sujeitos homoafetivos.

Referências

- CAMINHA, Adolfo. *Bom-Crioulo*. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- DEL PRIORE, Mary. *Histórias Íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.
- DIMAS, Antonio. *Espaço e romance*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1987. (Princípios)
- FONSECA, Rubem. Dia dos namorados. [1975] In.: RUFFATO, Luiz. (Org.) *Entre nós*. Rio de Janeiro: Língua geral, 2007, p. 125-136.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FRY, Peter; MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade?* 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2006. (Princípios)
- GREEN, James. *Além do carnaval – homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

GREEN, James & POLITO, Ronald. *Frescos trópicos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

MALUCO, Capadócio. [pseudônimo]. O menino do Gouveia. In: *Contos rápidos*. Rio de Janeiro: Casa editora Cupido & Comp: Ilha de Vênus, 1914.

MOTT, Luis. *O lesbianismo no Brasil*. Porto Alegre: Mercardo Aberto, 1987.

NAPHY, William. *Born to be Gay*. História da homossexualidade. Trad. Jaime Araújo. Lisboa: Edições 70, 2006.

RAWET, Samuel. Nem mesmo um anjo é entrevistado no terror [1981]. In.: RUFFATO, Luiz. (Org.) *Entre nós*. Rio de Janeiro: Língua geral, 2007, p.147-150.

RIO, João. *A alma encantadora das ruas – Crônicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 57.

SANTOS, Luiz Alberto Brandão; OLIVEIRA, Silvana Pessoa de. *Sujeito, Tempo e espaço ficcionais: Introdução à teoria da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SILVA, Aguinaldo. *Lábios que beijei*. 3 ed. São Paulo: Siciliano, 1992.

SOARES, Angélica. *Gêneros Literários*. 3 ed. São Paulo: Ática, 1993. (Princípios)

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.